



Deus é de direita?

Yves Congar*

Tradução de Iago Medeiros**

Artigo publicado originalmente com o título *Dieu, est-il de droite?* na revista dominicana *La Vie Intellectuelle*, em dois de seus números: 25 de fevereiro (p. 49-72) e 10 de março de 1936 (p. 219-245), como um editorial não assinado. Entretanto, não há dúvidas sobre a autoria de Yves Congar. Alceu de Amoroso Lima, a quem este artigo fortemente influenciou em sua mudança na perspectiva eclesiológica, menciona em diversas vezes, em partes de seus livros, entrevistas e cartas, que este artigo era proveniente deste autor que ele chegou a chamar de “meu teólogo” e com quem esteve pessoalmente ao menos por duas vezes.¹

Texto significativo para se compreender a história do laicato católico no Brasil. Sua influência em Amoroso Lima indica sua importância e perspectivas de

Tradução submetida em 10 de maio de 2019 e aprovada em 12 de março de 2020.

* O francês Yves-Marie-Joseph Congar (1904-1995), membro da Ordem dos Pregadores (Dominicanos), foi feito Cardeal pelo Papa João Paulo II em 1994. Associado à chamada *Nouvelle Théologie*, participou ativamente como consultor e perito do Concílio Vaticano II, tendo se destacado em temáticas relacionadas à eclesiologia, à reforma da Igreja Católica, teologia do laicato e ecumenismo.

** Bacharel em tradução pela UFJF. Contato: contato@iagomedeiros.com. Tradução promovida e gentilmente cedida pelo Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva, do PPGCR PUC Minas. Em termos editoriais, houve pequenos ajustes, sobretudo para adequar o texto às normas da ABNT e da HORIZONTE. Neste sentido, as notas de rodapé que não fossem explicativas, mas que sinalizavam referências de citações, foram todas migradas para o corpo do texto. Também no final deste texto foi criado um tópico com as referências citadas. Por fim, houve ajustes em citações diretas com mais de três linhas.

¹ A este respeito e para mais informações, veja-se: COSTA, Marcelo Thimoteo. Uma curva no rio: as conversões de Alceu de Amoroso Lima. In: COSTA, Marcelo Thimoteo. *Escritos*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, p. 183-212, 2008. Disponível em http://escritos.rb.gov.br/numero02/FCRB_Escritos_2_8_Marcelo_Timotheo_da_Costa.pdf. Acesso em: 25 ago. 2020. Há uma discussão sobre a autoria deste editorial ser atribuída a Congar e ao também ao dominicano Dominique Dubarle, citado em uma entrevista de Alceu de Amoroso Lima de 1971 como um de seus autores. Segundo Costa, esta menção pode ser o indicativo do reconhecimento de Amoroso Lima de que a produção do editorial foi devedora de uma reflexão conjunta no seminário Le Salchoir, na época, localizado na Bélgica e onde Congar morava e lecionava.

acolhimento em diversos setores deste laicato nos inícios do século XX e anos posteriores.

Trata-se de um texto que nasce em um contexto particularmente radicalizado, polarizado e tenso em termos políticos. Neste período, no país vizinho, estava prestes a estourar a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Em outro país vizinho, a Alemanha, o Nazismo já havia chegado ao poder (1933) e havia poucos anos para dar início ao que se convencionou chamar de IIª Guerra Mundial (1939). Daí a importância deste editorial, procurando refletir e construir critérios de discernimento em um momento desafiador.

A seguir, o texto traduzido que, esperamos, seja de proveito para os leitores da HORIZONTE e para os que se interessarem por este tipo de temática que chega com tradução inédita ao público de língua portuguesa.

*

* *

Nós sabemos, o ridículo e o inconveniente dessa questão não nos escapa. Lamentamos que certas evidências precisem ser evidenciadas.

Entretanto, não é verdade que um grande número de cristãos julga natural classificar a Igreja como de direita, com a própria ideia de alinhá-la à esquerda sendo excluída pelos aliados desse partido associado à Maçonaria, ao socialismo e ao comunismo?

Esses cristãos responderiam talvez que a Igreja não é Deus.

Não, ela não é Deus, mas ela é o corpo visível de Cristo, que é Deus. O corpo teria a permissão de estar onde Cristo não está? Tal como Deus, a Igreja não deve ser isolada pelos arames farpados de um partido. Ela é a mãe de todos, e o seu coração está aberto aos mais desgarrados do aprisco.

Pensarão, talvez, que nós nos colocamos em uma esfera muito elevada, acima das realidades temporais.

O erro, no entanto, seria desvinculá-las das realidades espirituais. Poderíamos conceber a vida temporal da Igreja desvinculada da sua vida supra-terrena?

Porém, a Igreja não é somente o Papa, Bispos, padres, congregações, instituições católicas, facilmente representáveis como independentes dos partidos. A Igreja, ela é também os cristãos. Aqui temos uma dificuldade que nos obriga a fazer uma distinção. De fato, existem “os fiéis considerados como assembleia”, para empregar a expressão do catecismo, que, membros do Corpo de Cristo, não poderiam, assim como a Igreja, conferir à direita ou à esquerda a liberdade da sua missão. Mas também existem os cidadãos católicos agindo isoladamente. Aconselhá-los-íamos a abrir mão do seu dever cívico? Fazê-lo seria condenável, e esse é outro aspecto do problema em que nos deteremos.

Se nos perguntarem o porquê de restringirmos esse trabalho ao estudo crítico da Direita, diremos que é para afastar o perigo de confusão que se manifesta principalmente desse lado. Contra o perigo da esquerda não faltam mentores, e não os censuraremos por calar sua inquietude.

Direita ou Esquerda, como todos os agrupamentos humanos, e singularmente as formações políticas, vivem sobre um fundo complexo de erros e verdades. A maioria dos católicos, entretanto, muito confiantes na ideologia de Direita, ao que parece, acaba por não distingui-la bem da doutrina católica, chegando mesmo, às vezes, a condenar esta em nome daquela. Eles recorrem aos autores antigos², cujo pensamento, ainda que em alguns momentos vigoroso e benfazejo, não é isento de paradoxos exagerados e afirmações perigosas. A união dos católicos, a paz religiosa, o futuro do catolicismo no nosso país, tornam a cautela oportuna. Essa é a razão que norteou as reflexões seguintes³.

*

* *

² Pensamos em Bonald, de Maistre, Blanc de Saint-Bonnet, Louis Veuillot, Donoso-Coitès etc.

³ “A Igreja recusa resolutamente, por direito e dever, se submeter aos partidos. [...] Desejar o engajamento da Igreja em querelas de partidos e se servir de seu apoio para triunfar mais facilmente sobre seus adversários, é abusar indiscretamente da religião.” (LEÃO XIII, 1890, n. 38-39). “É preciso evitar a opinião daqueles que misturam e confundem, por assim dizer, a religião com um ou outro partido político, a ponto de declararem ter quase abandonado o nome de católicos aqueles que integram outro partido. Isso é permitir, de forma enganosa, a entrada de facções políticas no campo augusto da religião” (LEÃO XIII, 1882). “Absolutamente ninguém tem o direito, em projetos puramente políticos ou para sustentar a causa de um partido qualquer, de se servir abusivamente da autoridade religiosa” (PIO XI, 1924).

A crítica da Direita é um assunto que não se promete prazeroso. A Direita é o “partido de bem”, assim ela se nomeia. Logo, é preciso certa audácia para levantar a mão para ela. A Esquerda não é menos convencida, é verdade, da excelência das suas ideias, mas ela jamais ousou se chamar de partido de bem. É bem mais fácil agarrar-se aos seus erros. Como o partido de bem é o partido das pessoas de bem, que se reputam pessoas de bem, e que possuem o monopólio do bem, fazer um exame das suas ideias não é somente exercer os direitos de crítica, é cometer uma espécie de profanação. É abalar o único pilar sobre o qual repousa a ordem social.

Além disso, a Direita é o lado em que o protocolo mundano tem mais chances de satisfação. Ainda que, efetivamente, a diferença entre as pessoas não seja tão grande, o espírito imagina entre a Direita e a Esquerda um contraste violento, que a imprensa de direita não deixa de acentuar até o excesso. Acreditando nisso, a Esquerda, no seu conjunto, ofereceria um aspecto incorreto de cabelos hirsutos e barbas indisciplinadas, enquanto a Direita seria a pátria exclusiva do pente e do barbeador. Não levaremos uma pintura tão superficial em consideração. Mas já se pode notar a imprudência e dificuldade da empreitada.

Não seria presunçoso afirmar-se como o partido das pessoas de bem, únicos guardiões da arca de princípios, encarregados de elevá-la acima da multidão?

Esse é o exame que deve ser feito. Que ele seja declarado desde o princípio. Não se trata, de forma alguma, de estabelecer qualquer equivalência entre a direita e a esquerda, de negar os serviços prestados ou de constatar o alto mérito de personalidades eminentes. O objetivo é prevenir os católicos contra um culto inconsiderado da ideologia de direita assumida em seu conjunto, e convidá-los a reconsiderar, como sempre deve ser feito, sua opinião acerca da ideologia de esquerda. Dessa forma, demonstraríamos que é não somente inconveniente, mas injustificado querer associar à Direita a Igreja, uma vez que sua natureza se situa acima de todos os partidos. Enfim, será talvez mais fácil afastar os católicos do espírito partidário; estando eles inclinados para um ou outro lado, e com cada eventual decisão sendo tomada após o estudo dos riscos mais graves e das garantias mais certas.

Mas primeiramente, é preciso reconhecer, existe uma grande dificuldade em definir e delimitar a Direita, traçando uma linha de demarcação que a separaria da Esquerda. No plano das ideias, existem mais semelhanças do que poderíamos acreditar, tanto em função da atenuação dos limites dos princípios quanto da flexibilização da sua interpretação. No plano eleitoral, a distinção não é, à primeira vista, menos difícil. Seria um caso até mesmo inextricável se nos fiassemos às denominações. A Direita é, de fato, um partido que não quer aparentar de direita. Já foi destacado que a verdadeira esquerda existe, quase tão somente, a partir do local onde desaparece o epíteto de esquerda ou republicana. Na direita. Coisa singular, acontece que a esquerda republicana e democrática, composta dos eleitos que não se afligiriam com a queda da República e da Democracia, do partido social e republicano, depois dos independentes de esquerda, dos republicanos de esquerda, e também, no extremo, da esquerda radical. Aqui começa a esquerda e o epíteto desaparece com os socialistas radicais, socialistas e comunistas. No Senado, M. P. de Pressac, eminente especialista da topografia parlamentar, afirma que "a Esquerda republicana" é o partido mais conservador da câmara alta.

É o resultado daquilo que é conhecido como "*ralliement*". Ele assinala os ditosos efeitos. Falamos, por vezes, de um fracasso do *ralliement*, porque os partidos de esquerda não estenderam os seus braços aos católicos, guardando para eles os lucros substanciais do poder. O gênio claro e profético de Leão XIII não se iludia com esse assunto. O que importava aos seus olhos era, antes de qualquer coisa, suprimir do anticlericalismo o pretexto cômodo, oriundo de uma hostilidade aparente da Igreja para com o regime republicano. Dizemos "pretexto", pois foi alhures que o anticlericalismo encontrou suas verdadeiras razões. O grande Pontífice queria assim retirar o obstáculo que impedia o encontro, no campo político, dos católicos com muitos eleitores simpatizantes do catolicismo, mas desejosos de não declarar guerra contra a República. Ora, alguns anos após os direcionamentos de Leão XIII, o Parlamento não contabilizava mais um único agrupamento recrutado entre os católicos que não professasse abertamente a sua aceitação do regime republicano. O resultado fora, portanto, alcançado.

O grande tormento da Separação, cujas consequências ainda pesam duramente sobre nós, apenas foi possível porque os católicos forneceram mais uma vez, em razão do Caso Dreyfus, a ocasião e o pretexto que o livre pensamento sempre precisa para colocar a maioria da nação contra a Igreja. A Maçonaria acaba de passar por momentos difíceis. Ela restabeleceu suas chances, em parte, identificando-se aos defensores da República contra o assalto dos partidos e das ligas. A luta contra a Maçonaria, que é um dever, perde todos os seus meios quando se presta a essa confusão. Não existe fato histórico mais evidente que a necessidade, para o catolicismo, de afastar qualquer suspeita de cumplicidade ou servidão aos partidos que manifestam a sua oposição ao regime estabelecido. Não somos ingênuos em acreditar que isso será suficiente para reunir os outros, e esse não é o objetivo do *ralliement*, mas a Igreja manterá a salvo e guardará a independência da sua missão.

A desconfiança e a má vontade da autoridade política para com a Igreja é uma das formas eternas da luta sustentada pelo Espírito do mal contra a verdade. Os mais sábios e ortodoxos comentadores do Apocalipse veem nisso uma das duas Bestas, sendo a outra o assalto intelectual das doutrinas ímpias. Logo, é importante que o catolicismo, pela ação dos seus fiéis, limitando sua resistência aos erros das leis e programas, não se ofereça inutilmente como vítima ao Minotauro. Compreenderemos melhor a sabedoria do *ralliement* se imaginarmos como a posição do catolicismo seria insustentável na Inglaterra, Bélgica, Espanha, Itália e Polônia, se seus esforços fossem reunidos aos dos inimigos declarados das instituições políticas em vigor. Nenhum regime pode ser estabelecido ou mantido hoje sem o consentimento da maior parte da nação. Por que, os princípios estando assegurados, declarar guerra contra ela? Os regimes, sejam quais forem, demonstraram e demonstram todos os dias que seu valor moral não depende de sua estrutura, mas da moralidade dos homens que puxam as alavancas. E o seu verdadeiro valor político é inseparável do seu valor moral.

Houve, na aurora do regime atual, após 1870, uma época em que os dois grandes partidos se afrontaram, tingidos das frescas cores da juventude. A Esquerda, já um pouco displicente, colocava o seu poder de sedução na sua

semelhança com aquela imagem da República que era tão bela sob o Império, quando ela existia apenas nos corações. A Direita, por sua vez, avançava solenemente sob a bandeira do tradicionalismo. E então, as rugas vieram dos dois lados, e a barriga cresceu. Como dois velhos consortes que acabam por se assemelhar em função da vida a dois, a Direita e a Esquerda adquiriram certamente mais de um traço comum. Prova disso é o advento dos extremistas, que são um sobressalto contra o excesso de semelhança e a inconsciente traição dos princípios originais. Por falta de um terreno de concórdia não procurado – teria sido maravilhoso! – a Esquerda se precipitou com gula no prazer abusivo do poder conquistado, e a Direita se agarra aos lamentos inúteis do poder perdido. A primeira abandona-se ao seu sectarismo, a segunda ao prazer vão da batalha incessante. Podemos dizer que a maior falta foi imputável à Esquerda, pois que sendo vitoriosa, cabia a ela as proposições de paz. A Direita, por sua vez, não parecia muito desejosa de recebê-las.

Uma idêntica aversão a uma organização jurídica internacional e uma inclinação comum ao liberalismo econômico aproximaram certos adversários. Assim, ao lado das opiniões divididas se estabeleceu a zona das opiniões intermediárias. No emaranhado de combatentes e bandeiras, a linha divisória, se não quisermos nos prender às aparências superficiais, não pode ser facilmente delimitada. Por toda parte, aliás, o francês, nas palavras de Faguet, é, “antes de tudo, um homem de partido, e homem de partido muito apaixonado que não deseja nada, após o sucesso dos seus negócios particulares, além do que o triunfo do seu partido e o esmagamento dos outros”. (FAGUET, *apud* THIBAUDET, 1932, p. 41).

Porém, a massa não se engana muito. Aos seus olhos, sempre houve os vermelhos e brancos, grandes e pequenos. Alain sustenta que é preciso ser um homem de direita para reivindicar a marca pela qual se distingue o verdadeiro republicano. Na esquerda, essa questão não é levantada. Nesse propósito, pode-se adivinhar a pretensão de guardar um monopólio frutuoso. Mas é certo que a Direita possui certo número de traços particulares.

*

* *

Aqui, é necessário precisar nosso intento e delimitar exatamente os contornos, para afastar a censura de generalização excessiva.

Nós estamos falando da ideologia da Direita.

Não dos homens que votam pela direita ou pensam dessa forma. Uma distinção se impõe, e mesmo uma dupla distinção. Que esta frase seja bem destacada em lápis vermelho.

Incorreria em erro e risco de injustiça a confusão, por um lado, do plano do parlamento e da imprensa em que se afirma a ideologia de direita, e por outro lado, com o plano da multidão de eleitores sujeitos aos partidos de direita, e que frequentemente são muito diferentes dos seus eleitos e dos diretores dos seus jornais. Atualmente, a França contabiliza uma multidão de eleitores que se submetem à ideologia de direita sem a conhecerem ou dela partilharem, quase como a massa de fazendeiros e operários que parecem ligados à doutrina marxista, da qual eles não fazem a mínima ideia. Quantos seriam os socialistas ou comunistas instruídos no materialismo histórico ou na teoria da mais-valia, elementos fundamentais da obra do filósofo alemão? Muitos franceses votam pela direita, legitimamente inquietos em face da ameaça antirreligiosa ou *revolucionária* contida no sucesso da Esquerda, e outros votam pela esquerda, sem dar-se conta dessa ameaça. Esses últimos, nem sempre são paroquianos piores que os eleitores do candidato clerical.

Existe uma ausência geral de curiosidade pelas ideias, uma espécie de ilogismo universal, graças ao qual podemos ser de direita ou esquerda, segundo uma onda mística, ou mesmo por esforço de convicções profundas, mas pouco refletidas, sem abraçar os erros dos partidos. Aliás, é muito frequente que simplesmente o berço, educação, meio, profissão, temperamento, vitórias ou fracassos da vida, que questões pessoais determinem a adesão.

Antes de chegarmos à segunda distinção, gostaríamos ainda de mostrar que se uníssemos a ação do *Parlamento* e da *Imprensa política cotidiana* na nossa crítica, as responsabilidades da Imprensa cotidiana se apresentariam ainda mais pesadas que aquelas do parlamento. Com efeito, por ela e pelas agências que a informam, a controlam e a governam, sem que ela suspeite, colocamos o dedo na

ferida monetária do jornalismo contemporâneo que já a contagia e com o qual ela partilha os vícios, por necessidade, camaradagem ou simplesmente complacência inconfessa... É entristecedor ver com que facilidade a imprensa política cotidiana lida pelos católicos, de Paris ou da província, participa das aberrações do furor partidário e torna-se cúmplice, inconscientemente, preferimos acreditar, e sem vantagem financeira direta as mais das vezes, das manobras, indulgências, omissões, alterações, que são preparadas e desejadas pelos verdadeiros mestres da grande imprensa⁴.

Nossa segunda distinção, a que não daremos menos atenção, é motivada pela presença de católicos em posições de partidos de Direita no Parlamento que sabemos livres dos erros da ideologia de Direita e que merecem nossa estima, simpatia e reconhecimento. A Igreja na França deve muito a eles. Defensores sempre alertas, eles muitas vezes deram prova do seu amor e lealdade. Nós preferíamos vê-los em partidos mais norteados a um centro de reconciliação, mais marcados pela preocupação social e inspiração cristã. Mas sabemos o caos que reina no seio dos partidos e de toda a opinião católica. A sua presença sob a bandeira de uma ideologia mista é a consequência da absurda composição dos agrupamentos atuais e das condições impostas pela forma de eleição. Em numerosas circunscrições, o candidato apenas pode ser de direita ou esquerda, e aquele da esquerda é designado pelos grandes comitês onde a Maçonaria reina soberana. Os eleitores gostam das etiquetas simples e vistosas. Também é preciso levar em consideração a pressão exercida pelos detentores do dinheiro eleitoral. Uma eleição é cara, e as contribuições solicitadas não são concedidas sem exigências imperativas. Se a ideologia de Direita é precisa, o termo Direita é muito vago para abrigar uma grande variedade de causas cuja sinceridade permanece insuspeita.

Distingamos, portanto, a ideologia de Direita daqueles que a servem. Distinção tão útil que seus traços podem ser claramente precisados, a enumeração

⁴ Uma experiência, bastante louvável, é verdade, pelo esforço exigido, está ao alcance de todos. Basta compararmos os comentários feitos pelos jornais de direita (já que são eles que estão em pauta) tratando dos inquéritos relativos ao caso Stavisky e aos acontecimentos de 6 de fevereiro de 1934, com os textos oficiais desses inquéritos. Essa confrontação é particularmente significativa no que concerne às conclusões formuladas de modo unânime, isto é, segundo a opinião dos parlamentares de direita, eleitos pelos seus colegas como membros da comissão de inquérito.

e a discriminação dos seus partidários se choca com grandes obstáculos. Como o famoso rabanete de uma comparação que ainda não envelheceu, muitos eleitores possuem o coração branco e a casca vermelha. Inversamente, existe, em regiões onde custaria caro ser sincero, rabanetes brancos com coração vermelho, sem dúvida em razão do procedimento conhecido pelos horticultores como “forçamento”.

Siegfried afirma que para a massa do povo francês o coração é de esquerda, enquanto a carteira é de direita. Capitalismo e anticapitalismo são vizinhos também no mesmo cérebro. Não existiria capitalismo na alegria do poupador comunista que se agarra a sua caderneta de poupança, e anticapitalismo no furor do industrial espoliado pelas maquinações de um consórcio onipotente?

Quando se define a ideologia dos partidos, não se deve julgar pelos homens. Paradoxo curioso, também seria imprudente julgar pelos fatos. Com efeito, todos os partidos, na prática, dão prova de uma versatilidade singular. Eles compartilham da opinião do cínico de Retz que dizia ser preciso mudar frequentemente de opinião para ser sempre do mesmo partido. Assim, o comunismo e o socialismo não sofrerão nenhum embaraço caso demonstrem que permanecem fiéis a si próprios enquanto condenam a ditadura e a revolução nas ruas, ou enquanto pregam o patriotismo e a solicitude à família.

No que tange à Direita, poderíamos fazer uma lista imponente das mudanças de direção e contradições ocorridas em função do interesse momentâneo. Como os orleanistas que, pelo horror à Revolução Francesa, colocam toda sua esperança na família histórica encarnada e levada ao poder, ou os “moderados”, antiestadistas mais enérgicos, que são ao mesmo tempo os mais cobiçosos da ditadura. Prontos a vituperar contra a desordem nas ruas, eles não têm escrúpulos em prepará-la.

É preciso parar, a lista seria longa.

Se não podemos confiar nos homens, nem nos fatos, não seria quimérico querer esboçar um quadro da ideologia reclamada por eles?

Não, pois existe no posicionamento desses homens versáteis, quer sejam de direita ou esquerda, e sob a aparente contradição dos fatos, certo número de pontos

fixos, em torno dos quais se deambula sem movimentá-los, e que são suficientes para permitir o conhecimento de uma ideologia em linhas gerais.

*

* *

Somos bem compreendidos. Não nos esquecemos dos serviços eminentes prestados pela Direita à Igreja. Embora consideremos que sua doutrina encontra-se frequentemente em oposição ao espírito do Evangelho, não nos custa nada reconhecer o apoio dado por ela, apoiando os parlamentares católicos inscritos na maior parte dos seus postos. Nas épocas de perseguição, de 1880 a 1890 e de 1900 a 1910, por exemplo, ela constituiu no Parlamento um reduto de resistência contra as leis iníquas. Não tememos a publicação, a Direita nunca recusou a sua assistência à Igreja.

Nosso objetivo não é negá-la, mas mostrar o inconveniente que é a confusão da causa de uma com a da outra. Para que serviria uma salvação temporal para a Igreja, que custaria o preço da sua missão? A história mostra como ela sempre correu o risco de ser transvestida com as máscaras dos seus protetores. Eles precisariam ser santos para que a operação seja segura.

Consideramos a Direita apenas a encarnação do “*espírito de direita*”. Para deixar mais claro, é muito importante, qualquer que seja o número de católicos de direita, não colocar na conta desse espírito tendências propriamente católicas, nem princípios estimados pelos católicos de direita em nome da sua fé, e de modo algum para se conformar ao espírito do seu partido. Quando de Mun defendia o princípio da liberdade de associação para os operários, ainda que ele fosse um homem de direita, não era evidentemente por fidelidade ao espírito do seu partido, pois esse último era hostil a esse princípio. As manifestações do senso cristão, da qual o Parlamento é testemunha, sempre guardam um caráter individual, mesmo quando aplaudidas pelo partido inteiro. É impossível, com a melhor boa vontade do mundo, atribuir o mérito à sua “doutrina”. O aspecto geral da sua atividade continua muito independente do espírito da Igreja, quando não contrário. A Direita se constituiu muitas vezes como um aliado político da Igreja.

Ela nunca foi, e nós não a consideramos, "um partido católico", o que causaria um grande dano à Igreja e à paz francesa, mas simplesmente um partido político de inspiração cristã, como seria desejável que houvesse vários. A esse respeito, a Direita herdou da antiga opinião conservadora uma postura pouco favorável às direções de Roma. Atualmente, a teimosia na sua hostilidade contra o Papado é ainda um fenômeno singular. Ela difama o Papa e seus núncios, pois a ação espiritual, desfavorável a seu nacionalismo, tende à pacificação externa por meios não desejados por ela. Foram os órgãos da imprensa de direita que demonstraram mais obstinação nessa campanha sem desculpas, em que os violentos exprimem o pensamento comum servido pelo silêncio dos tímidos. Desde que assistimos a esse escândalo que foi escutar a denúncia do Papado como um agente da influência alemã e da Maçonaria, podemos citar os jornais de direita, em Paris ou na província, que ousaram defender o Pai dos fiéis. Houve pusilanimidade nessa abstenção, sem dúvida, mas seria contrariar as evidências a negação da parcela de vergonhosa colaboração e alegria secreta.

Poderíamos insistir na confusão habilmente sustentada da ideologia de direita com os princípios do catolicismo. Ela é clerical, às vezes, ou seja, ela revela a tentação de conferir à Igreja uma sombra do seu poder temporal, o qual ela já espera utilizar em seu favor. A Igreja permanece, assim, uma construção poderosa, bastião para os valores humanos necessários e, por isso mesmo, guardião dos interesses que os eventos vincularam a esses valores. Alguém poderia dizer: "O que seria da Igreja sem o apoio desse partido?" – A Igreja não teria nem um defensor a menos se os católicos fossem divididos em vários partidos, e não é certo que ela teria a mais, pois a Maçonaria explora habilmente contra o catolicismo a sua aliança com os interesses vorazes que elegeram domicílio na Direita. Além do mais, não temos a candura de acreditar que, sem esse pretexto, as lojas sentiriam embaraço de encontrar outro. A luta do mal contra o bem não é uma questão de combinação política. A verdadeira defesa da Igreja não acontece nesse terreno. Aliás, e com ainda mais motivos, poderíamos indagar: "O que seria da Direita, se os católicos cessassem sua adesão?"

Evitemos, portanto, de identificar a Direita com o catolicismo. As condições históricas infelizmente favoreceram esse equívoco que remonta à origem dos partidos republicanos e tem como tema a hostilidade da esquerda para com a Igreja. Mas se o equívoco, por mais explicável que seja, é nefasto, teríamos razões para perpetuá-lo?

*

* *

Um dia, Paul Valéry observou que o homem está entregue a duas tendências fundamentais que desequilibram os espíritos e atividades, inclinando-o ora à conservação, ora à transformação. A sabedoria consiste no seu judicioso amálgama. De fato, os partidos caem no exagero e exclusivismo das duas tendências. Na direita, existe a preocupação, sobretudo, em conservar, enquanto na esquerda reina uma febre de transformação.

Referindo-se aos tempos heroicos do tradicionalismo, Thibaudet apresenta uma definição, da qual eu suprimo apenas duas palavras que serão ditas por mim:

Uma forma de pensar, uma regra de ação, um posicionamento político, que consideram a imitação e a continuação do passado um bem em si – que respeitam particularmente as duas forças da antiga França, a Monarquia e a Igreja – que não perdoam a Revolução por ela ter rompido sistematicamente com esse passado – que desejam um Estado concordante e simpático às forças de conservação, família, fortuna adquirida, altos militares, Academia Francesa, costumes – que atribuam a solução da questão social à manutenção... das classes, patronagem das autoridades sociais, formação de uma elite pela cultura humanista – que são expostos aos nomes injuriosos de reacionários, conformistas e aquele que é, ao que parece, o mais grave, bem-pensantes.” (THIBAUDET, 1932, sem página no original).

Desse quadro, que não carecia de exatidão há 50 anos, eis o que eu suprimi. Thibaudet escreve que a Direita atribuía a solução da questão social à manutenção e à *concordia* das classes. Eu suprimi “concordia”, pois existe nessa palavra uma intenção que não corresponde ao verdadeiro pensamento dos conservadores de então. Em sua opinião, a solução da questão social só poderia ser obtida através de uma rigorosa subordinação das classes laborais às classes dirigentes. O que esses últimos poderiam fazer era, no máximo, se mostrar “paternais”. Ainda falta muito

para que essa concessão seja geral. Conhecemos a sua oposição a La Tour du Pin, que via na organização profissional um meio de realizar a concórdia.

Desde o tempo do conservadorismo, a composição da Direita passou por alterações que pouco modificaram sua fisionomia e estado de espírito. Pouco a pouco, a maior parte das grandes potências industriais e financeiras, inquietas com as tendências reformadoras de Esquerda, se distanciaram dela, após ter hesitado bastante a deixar o lado mais forte. Nós não esquecemos a ditadura do Comitê Masceraud, que dispunha de assentos e condecorações. A bem dizer, ainda hoje vários indicadores mostram que os grandes consórcios exercem influência nos dois lados. Eles sabem controlar a imprensa de forma engenhosa e distribuir a espórtula da sua publicidade. Entretanto, o medo do socialismo e do comunismo, que adquiriu uma influência crescente na Esquerda, fez com que eles se juntassem à Direita. Eles entraram com um materialismo que não tardou a ser uma marca do “espírito de direita”.

A ideologia de direita tem como característica uma preponderância da inquietação pelos bens materiais. Nenhum partido é insensível a isso, certamente, mas há uma diferença entre lutar pelo pão de cada dia e guardar firmemente as vantagens da fortuna e bem-estar. É preciso constatar-la bem, a primeira ideia evocada pela Direita no espírito da multidão é a defesa do dinheiro, ideia simplista, mas não sem fundamento. Na opinião do povo, a Direita é o partido da riqueza, do Banco, da Bolsa, dos grandes negócios industriais ou comerciais, dos grandes consórcios de aço, carbono, petróleo, seguros, gás e eletricidade, da pequena tribo de duzentas famílias que dividem os mais importantes conselhos de administração. É a guarda pretoriana do dinheiro. Existem pobres na Direita, mas que aceitam a supremacia do dinheiro.

O estado social, em que essa supremacia é aceita, honrada, cultivada, protegida, essa desordem enorme recebeu o nome de “ordem estabelecida”. Segundo a ideologia de direita, essa ordem estabelecida sobre os abusos do regime capitalista se confunde com a Ordem com um grande O. Alterá-la seria abalar o eixo do mundo e sacudir as colunas do porvir. É importante, portanto, colocar o

Estado a seu serviço com o peso da espada, e defendê-la contra a menor reforma capaz de prejudicá-la.

Completemos o pensamento de Thibaudet.

A Direita é representada pela ordem de polícia em face da ordem de justiça. Sem dúvida, ela protestaria dizendo que não é insensível à justiça social, e a Esquerda seria forçada a reconhecer que ela não abre mão, pelo poder, da força policial.

Entretanto, se considerarmos o pensamento escrito de direita e de esquerda, os jornais, por exemplo, é certo que em um o destaque é dado à autoridade e em outro à justiça social. Faltando os princípios, os interesses também os exigem.

Mas são principalmente a autoridade e a liberdade que desequilibram as duas tendências. O homem de direita, ao menos na sua linguagem, volta constantemente na necessidade de restaurar a autoridade, com exceção dele, quando faz uma oposição constante, enquanto o homem de esquerda gosta de falar de liberdade, não sem sonhar com a proscricção, ditadura de classes e imposição laica sobre as consciências religiosas. De tão ilógica que é a paixão! E como se pudéssemos abrir mão da autoridade ou da liberdade!

Como a Direita tem a preocupação de ser a fortaleza da autoridade, não é inoportuno examinar qual ideia ela faz desse conceito.

Acreditando nisso, a virtude do poder mantém seu vigor, seja qual for o chefe que o exerça. O chicote é sempre bom, independente da mão que o maneje. Vemos o quão inadequada é uma concepção que considera a autoridade apenas um elemento acessório ao direito de forçar as vontades. Mas esse direito resulta de um dever. A autoridade é feita, a princípio, para servir. A sua justificativa se encontra no serviço prestado. A força em suas mãos só é compreendida em razão da necessidade de garantir o bem da sociedade e das pessoas. A Direita parece perder de vista que a razão de ser da autoridade consiste em reger a liberdade, em mantê-la nos limites do bem comum, e não na sua supressão. Ela é apenas um meio, enquanto a liberdade permanece o privilégio real da criatura racional. Desse privilégio o homem tende sempre a abusar, a confundi-lo com o capricho do seu egoísmo. Mas dela não poderíamos privá-lo sem atentar contra sua natureza. À

medida que as sociedades se distanciam do estado animal ou de infância, elas tornam-se mais dignas da sua liberdade, e a autoridade deve aliviar o peso da sua mão. A dificuldade é determinar o estágio desse progresso, que não é o mesmo para todas as nações, e fixar a dosagem de autoridade e liberdade. Eis todo o problema da política interior.

No seu interior, apesar do exemplo da Rússia, Itália e Alemanha, a Direita alimenta sempre a ilusão de que a restauração da autoridade aconteceria apenas em seu proveito. Ela empurra a roda que passará sobre seu corpo. Nós a veremos, então, como sempre aconteceu, afirmando-se a defensora da liberdade contra a autoridade.

Thibaudet, no mesmo livro, constata a existência de um “espíritual republicano”. Ele entende que a República foi levada a formar, fora do ideal religioso ao qual sua laicidade obrigava ser estranha, uma certa concepção do mundo moral. Para esse escritor, de uma inteligência muito penetrante ao ordinário, foi a oposição da Igreja durante toda sua formação que conduziu a República a se constituir como “uma espiritualidade”, que seria, segundo ele, antitradicionalista. Sobre esses últimos pontos, não compartilhamos da opinião expressa. A mística republicana é anterior à oposição dos católicos, e ela é o principal elemento responsável pelo sucesso da República. Não acreditamos que ela seja essencialmente antitradicionalista, e a prova disso parece ser o crédito que ela ganhou e conserva ainda hoje nas províncias. Não esqueçamos que as classes rurais são, atualmente, a parte da nação mais apegada às tradições representadas pelas palavras pátria, família, propriedade e até mesmo, em muitos lugares, religião, por mais insuficiente que sua ideia possa ser. Nessa tradição rural, também é preciso mencionar uma espécie de resignação passiva a todos os decretos da autoridade.

A descrição da mística republicana, muito vaga como todas as místicas, nos levaria longe. Mistura de aspirações exaltadas, com o erro caminhando ao lado da verdade, ela é expressa de forma imprecisa pelas palavras liberdade, igualdade e fraternidade, às quais seria preciso acrescentar “justiça social”. O que ela oferece de salutar, em meio a tantas excrescências doentias, é o sentimento, pouco conhecido

por outros regimes, de dignidade da pessoa humana, bem como a igualdade dos cidadãos, enquanto cidadãos, perante a lei.

Pierre Dominique gosta de resumir o “espiritual republicado” em três afirmações:

O homem é naturalmente bom.

O progresso da humanidade é indefinido.

A terra é nosso paraíso.

Tais são as três colunas da Democracia. A Direita seria, então, o partido que rejeita esses erros.

Percebamos que essa recusa, que constituiria uma posição completamente negativa, pode parecer também uma adesão a três proposições inversas, que não são menos condenáveis. Basta formulá-las para que o erro apareça.

O homem é naturalmente mau.

Não há progresso na humanidade.

Não há o que fazer para melhorar o inferno dos “condenados da terra”.

Quem não reconhece os axiomas para os quais a Direita inclina, sem ter sempre uma consciência precisa. Em seus atos, nos escritos dos seus doutrinários, irrompe a convicção de que a incurável maldade do homem pode ser contida apenas pela força. Ela está persuadida de que toda tentativa para melhorar a condição popular leva à revolução. Ela professa, enfim, a fobia do progresso denunciado como uma funesta ilusão.

Essa fobia foi uma das grandes fraquezas da Direita. Foi onde ela também não soube distinguir o verdadeiro do falso.

Existe um progresso intelectual e material que é somente a incorporação dos trabalhos do homem na descoberta e valorização de seu reino terrestre. Isso acontece desde que o viabilizem as condições naturais do meio e um estado de segurança suficiente. Esse progresso intelectual e material é favorável, ou ao contrário desfavorável, ao progresso moral das sociedades, em função da sujeição, ou não, da liberdade dos cidadãos ao esforço necessário, aceitando ou rejeitando o auxílio da luz divina. Mas o primeiro não produz espontaneamente e fatalmente os segundos, como acreditaram e afirmaram os apóstolos da perfectibilidade

indefinida, discípulos de Rousseau e de Madame de Staël. Logo, é também pueril condenar em bloco o progresso, assim como exaltá-lo indistintamente. A Direita perde, assim, sem nenhum lucro, o benefício da auréola que ronda o progresso e se coloca como inimiga da invencível esperança humana. A tarefa não é condenar o progresso intelectual e material, mas utilizá-lo para o progresso moral. O erro é tão grande que a Providência, regulando de forma soberana o jogo das liberdades humanas, parece ter decidido que a humanidade passasse, assim, por uma lenta ascensão, como podemos ver. Se amanhã a civilização ocidental desabasse, seria sob os golpes de um outro que teria se apossado dos frutos de seu esforço intelectual, material e moral.

Nesse domínio, também nós ficamos admirados de como a sabedoria da Igreja corrige, dos dois lados, um pensamento falho. Graças a ela, sabemos que o homem, criado naturalmente bom, é somente levado ao mal pela inclinação de uma natureza ferida. Ela afirma o progresso moral da humanidade na medida em que o homem trabalha no Reino de Deus. Enfim, ela cumpre a todos os seus filhos o dever de deixar mais leve, para o próximo, a estadia terrestre e de lhe garantir ao menos esse mínimo de bem-estar que é necessário à virtude.

Em face desse "espiritual republicano" – ao qual nós nos abtemos de dizer que a Esquerda sempre se manteve fiel, mas cujo prestígio ainda lhe é proveitoso – esse é um "espiritual" que faltou à Direita. Teria sido hábil e benigna a sua adoção de um "espiritual republicano" que teria purificado o outro, guardando o bom e rejeitando o mau. Mas essa solução foi afastada pela opinião dos seus membros, em maioria hostis ou pouco favoráveis à República. No princípio, ela hasteou a bandeira da contrarrevolução. Seria assumir uma atitude muito sumária com relação a um bloco incauto, mistura de bom e mau como o "espiritual republicano", como todos os movimentos de ideias e sentimentos destinados a transtornar o mundo. Aqui também teria sido preciso fazer um esforço para compreender e realizar uma legítima discriminação entre os elementos perversos e aqueles que ofereceriam um progresso moral futuro.⁵

⁵ Nota do editor: termina aqui a primeira parte do editorial, publicada em 25 de fevereiro de 1936. A seguir, a segunda parte, publicada em 10 de março do mesmo ano.

Poderíamos ter esperado que a presença de vários católicos em posições da Direita transformaria, com o tempo, o espírito dos seus ensinamentos na direção do Evangelho. Vemos apenas um pouco dessa influência na defesa assumida pela Direita da família indissolúvel.

A Esquerda cometeu o crime inexprável, que agora começa a ser reconsiderado, de deixar a ela o monopólio. Ela viu na família um constrangimento intolerável a seu individualismo, ou um poder que disputaria com o Estado a pessoa da criança. Sua hostilidade aumentou pelo desejo de se opor à Igreja, que ela acredita difamar representando-a em guarda diante dos berços. A Esquerda votou a lei do divórcio, e se um resto de pudor ainda a impede de invocar o direito ao aborto, os jornais dos seus partidos extremistas, por outro lado, já o abordam sem pudor. É inútil, enfim, citar as campanhas cujo objetivo era o estabelecimento de uma espécie de igualdade civil entre a esposa e a concubina.

A defesa da família é, portanto, uma tradição da Direita. Ficaríamos mais felizes ainda em elogiá-la se ela tivesse compreendido tão bem os interesses particulares da família operária quanto da família em geral. Lamentamos que ela não tenha sido tão ativa contra os casebres e as condições de trabalho próprias à desorganização da família, quanto zelosa no momento em que a herança e a propriedade familiar estavam em jogo. Uma grande parte dos seus membros no Parlamento se mostrou por muito tempo hostil à obrigação do repouso semanal e à limitação do trabalho das mulheres e crianças. O falso princípio da liberdade absoluta do trabalho excedeu, no seu espírito, os direitos primordiais da família. Eles também abandonaram aos partidos revolucionários a iniciativa de medidas das quais dependem a manutenção e a prosperidade da família operária.

Apesar dessas ressalvas, continua evidente que o culto à família indissolúvel é uma das ideias centrais da Direita. Ela se vê, justamente, como a pedra angular da sociedade. Reservatório de tradições, garantia de durabilidade, promessa de estabilidade, fermento salutar para o corpo social, a família sempre será honrada

em uma sociedade preocupada com seu futuro. Aqueles que se esquecem das lições dos séculos serão novamente instruídos pelos seus vizinhos prolíficos. A Esquerda começa a se dar conta.

Nesse ponto capital, a ideologia de direita guarda a sua orientação imprimida pelo catolicismo dos seus membros⁶.

De fato, é preciso reconhecer que a maior parte deles recebe do seu partido mais do que dão. Sua influência foi deplorável, sobretudo em razão de três pontos muito importantes que precisam ser assinalados. Eles tangenciam, com efeito, o âmago do conflito que divide os católicos e constituem, pela sua oposição à doutrina, um sério obstáculo à união.

O primeiro desses pontos é a crença, elevada até a superstição, na frivolidade de qualquer esforço religioso ou moral que não fosse precedido por uma vitória política. O segundo, a separação da política e da moral. O terceiro, uma verdadeira aversão pela ação social.

A convicção de que nada podemos esperar enquanto não tivermos transformado as instituições políticas do país é a herança mais pesada da política conservadora. Ela paralisou o vigor das forças católicas e exaltou a inércia escondida por detrás dos seus princípios. Assim, ela fez com que fossem considerados temerários, os homens de boa vontade que acreditavam no dever primordial de misturar o fermento cristão à massa pagã do seu tempo. Entregues a si próprios, envoltos em suspeita ao invés de encorajados, esses últimos agiram com os riscos inevitáveis, em uma solicitude dolorosa. Se alguns, como uma exceção muito rara, aliás, ultrapassaram a meta e caíram no erro, foi devido principalmente ao abandono e à acrimônia de que foram vítimas, assim como à formação insuficiente que ninguém teve a preocupação de lhes dar.

Ninguém pensaria em negar as repercussões da política, tanto sobre os costumes quando sobre o progresso ou o declínio da religião. O estado normal das

⁶ No que tange à família, grandes órgãos de direita pouco se preocupam em observar a doutrina do partido e, com isso, trabalham para seu descrédito. A sua imprudência condenável, tocando questões relativas à fidelidade conjugal, é indesculpável. Eles contribuem amplamente para a corrupção contra a qual se insurgem. A literatura e o cinema, em que triunfa o amor doentio, e mesmo o pior, sobrevivem, em parte, graças aos encorajamentos prodigalizados por eles. Até o fim da guerra, um dos órgãos de direita mais lidos publicava uma correspondência de mediação pornográfica. E, recentemente, não são os jornais de direita que se distinguem pela violência injuriosa dos seus assaltos contra um ministro, defensor eminente da família, mas condenável por querer reprimir uma exibição escandalosa?

sociedades reclama a concordância entre o poder espiritual e temporal. A boa vontade desse último pode criar um clima mais favorável à ação da Igreja, purificando o espírito público, fortalecendo as bases da família, garantindo a limpeza das ruas. Mas é muito raro que o preço por essa simpatia não seja uma pressão interesseira, mais funesta que útil aos interesses religiosos. De fato, a história nos mostra que os poderes simpáticos ao catolicismo, por desconhecem a missão espiritual da Igreja, cercaram-na de um favor que não foi sem inconvenientes. Seja como for, trata-se de um meio auxiliar e secundário. Ao considerá-lo como primordial, corre-se o risco de adiar indefinidamente a obra que é essencial. Grave aberração que está na origem de grandes perdas. Se os primeiros cristãos tivessem experimentado essa obsessão, o catolicismo teria morrido de anemia nas catacumbas antes da época da proteção dos imperadores, que hoje admitimos, aliás, não ter sido totalmente benéfica.

O velho erro do “*Politique d’abord*” é muito anterior à *Action Française*. Esta, formulando-o de forma mais precisa, garantiu desde o princípio o concurso de todos aqueles que partilhavam da ideologia de direita, autêntica mãe do “*Politique d’abord*”. E, desde sua condenação, ela mantém o benefício de uma secreta convivência para com aqueles que, tendo a deixado lealmente, foram negligentes em restabelecer uma ideologia partidária da qual não veem o veneno.

A obsessão da "política" não confere, infelizmente, senso político. Um século e meio de história o demonstra com uma evidência tão cruel que teríamos escrúpulo em insistir. O senso político é essencialmente o senso das realidades e o senso do possível. Ora, os escritores políticos seguidos pela Direita possuem o traço específico da ilusão e a superstição de um impossível absoluto, que eles acreditam servir à causa favorecendo a política do pior. Eles tomam aquilo que foi por aquilo que deve ser, e obstinam-se em refazer um desenho apagado pelo tempo sobre um esboço agora inexistente. Para eles, a história não é o espetáculo inconstante de homens imperfeitos, os quais convêm, para o proveito de uma humanidade melhor, julgar e não imitar os sucessos, mas o quadro pintado pela eternidade das conquistas admiráveis da violência. Um fundo de sabedoria deixa-os convir que a

força está a serviço do direito, mas, ao mesmo tempo, eles pensam que a força faz o direito.

Esse erro, aliás, possui outro aspecto que não menos contribuiu para enganar os espíritos. Ele aparta a política da moral, apenas levando em consideração o resultado político, independentemente dos princípios que deveriam regular a intenção e os meios. Só é bom em política o que é bem sucedido. A moral é relegada ao segundo plano ou, de preferência, a um plano completamente separado. Pois a sociedade humana seria análoga a um organismo físico, e sua lei semelhante às leis físicas ditadas pela observação dos fatos, que exercem fatalmente o seu domínio. Para que a máquina funcione utilmente, é preciso apenas um punho de ferro para puxar a alavanca.

Simple assim. A política, de fato, possui suas leis empíricas em que se desconhece o justo e o bom. Sintam-se livres, católicos escrupulosos, para recuar diante dos meios que julgarem imorais, mas vocês fracassarão e provarão a sua inaptidão para dirigir a coisa pública.

De encontro à Esquerda que, para ligar mais indissolúvelmente o poder ao povo, comete o erro de declarar esse último fonte de autoridade e criador da lei, a ideologia de direita, errando no sentido inverso, concebe o poder como um órgão independente da nação, imposto pelo jogo de uma regra inflexível ou pela vontade de alguns. A governança é exercida sem controle ou participação dos cidadãos. O interesse das classes abastadas prevalece sobre o das classes menos favorecidas. Isso não é formulado, no entanto, com essa crueza e consciência tão clara da intenção. Muitos se convenceram de que o bem dos pobres consiste essencialmente em servir os ricos, como demonstra de modo peremptório a fábula dos membros e do estômago.

Atentemos para os explosivos perigosos que conhecemos sob o nome de liberdade, dignidade humana, igualdade de natureza; a experiência demonstrou que não sabemos usá-los sem cair em excessos. Em razão do abuso possível e frequente, convêm proibir até o uso. Com efeito, é evidente que todos os abusos da liberdade estão do lado da Esquerda, e a Direita se recusa a incluir seu liberalismo econômico que, por sua vez, viciou o regime do capital. Ela confunde o respeito aos

direitos da pessoa com individualismo, e professa um horror semelhante pelas fantasias coletivistas e pelas legítimas exigências da comunidade.

O que acontece com o amor pela pátria em uma disposição de espírito que dá tão pouco espaço para o cuidado com o outro? Ele experimenta uma alteração geral. No lugar de um amor de preferência, temos um amor exclusivista, e todas as aberrações desse “nacionalismo imoderado” (a expressão é de um Papa) que fazem se abater sobre o mundo de hoje o sopro mortal de um flagelo.

Todos os erros da Direita se compõem e se conjugam na praga rogada por ela contra a Sociedade das Nações. Oh! Não contestamos que o tribunal de Genebra tenha encorajado, e agora até encoraja uma desconfiança contra essas faltas. Mais ainda que outras menos recentes, essa magistratura sofre da inexperiência dos juízes, do seu recrutamento heterogêneo e das paixões transvestidas com o pretexto do interesse geral. Queira Deus que o ideal não seja nunca objeto de exploração. É também muito verdadeiro que a Maçonaria não faltou a seu princípio fundamental, que é a tentativa de monopólio de todo poder temporal. Mas a sua maior vitória seria precisamente o afastamento dos católicos de uma instituição que Léon Bourgeois favoreceu apenas depois que o grande Pontífice Bento XV exprimira solenemente o voto de seu nascimento. Por mais hesitante e imperfeita que seja sua realização, a ideia permanece autenticamente cristã. Nenhum amigo do catolicismo deveria esquecê-la.

Eis os dois primeiros pontos que devem ser censurados na ideologia de direita, em razão de suas consequências.

Um outro é sua aversão à ação social. O esforço perseverante dos católicos sociais, a ascensão das forças revolucionárias, as duras lições da crise, começam agora a afetá-la. Para uns, que se julgam antiestadistas, essa aversão é ligada à falsa ideia de que nada de bom pode ser esperado que não seja a transformação do organismo político. Para outros, ao contrário, ela finca suas raízes na teoria da Economia liberal, que não espera nada além do que o mecanismo natural das leis econômicas. Para todos, a fome e a miséria são a sina inelutável de uma parte da humanidade. Elas entram como elemento regulador e necessário no jogo dos preços e no funcionamento da concorrência. A beneficência, um paternalismo

generoso entre os melhores, representa o único remédio a ser empregado. Dar muita atenção a esses problemas abala a autoridade dos chefes da indústria e vivifica o instinto de revolta. A fome é má conselheira somente quando tem a esperança de ser saciada. É preciso, segundo a mesma opinião, deixar aos dirigentes o cuidado de garantir a felicidade da multidão. Ela saberia sozinha aquilo que é sua felicidade? Por que despertar cobiças quiméricas? Por que mencionar com tanto fragor os justos direitos da pessoa humana? Tudo não funcionava melhor quando uma lei previdente, dita lei de coalizão, proibia três operários reunidos de falar dos seus interesses? O casebre os impedia de procriar em maravilhosa abundância? Eles reclamavam das suas quatorze ou quinze horas de trabalho? Quem pensava em se emocionar com o trabalho noturno das mulheres e crianças? O silêncio da multidão atestava a felicidade dos povos. A ordem reinava.

Se fosse preciso condensar a ideologia de Direita em um resumo que abarcasse apenas seus defeitos, nos limitaríamos a dizer que ela encarna um tradicionalismo morto contra esse tradicionalismo vivo que demanda à tradição os germes da vida, úteis para o presente e futuro. Não se trata de afagar inutilmente veneráveis múmias, mas de conceber perpetuamente uma ordem social cristã.

O espírito de possessão atormenta. Ele tem como corolário um culto cioso da ordem econômica estabelecida, com o terror de qualquer abalo do mundo de comodismo e privilégios, e uma preocupação mais vigilante com os direitos da propriedade do que com seus deveres.

Esse espírito de conservação é acompanhado do espírito de dominação, com o qual se confunde. Quer-se dominar para conservar, para resistir à melhoria social que exige uma divisão mais igualitária das vantagens terrestres, e para impedir o aumento da igualdade que coloca em perigo uma supremacia normalizada. (RIGAUX, 1935).⁷

Aqui, o espírito partidário é acompanhado do espírito de classe. Direita contra Esquerda, não é, no fundo, a luta de duas classes, burguesia e proletariado, que se enfrentam e servem de polos de atração para os integrantes das classes médias, tão instáveis que sua instabilidade faz toda a mobilidade da nossa política?

⁷ Nosso resumo se inspira nas conclusões desse livro.

O sentimento de classe é, aliás, cruamente explicitado nas expressões que citamos. Brancos e vermelhos evocam a revolta dos *sans-culottes*, contra os ricos amigos da Corte. Grandes e pequenos, eis a eterna oposição esquematizada pela imagem dos gordos e magros, fortes e fracos.

*

* *

No dia seguinte ao segundo Império, Victorien Sardou, em *Rabagas*, colocava as palavras seguintes nos lábios de um de seus personagens:

“É de uma simplicidade, vossa política! De um lado, aqueles que têm tudo, dinheiro, honras e cargos! De outro, aqueles que não têm nada! Uns que querem guardar tudo, outros que querem tomar tudo!... Em suma, para a direita a digestão, para a esquerda o apetite!”

Desde o aplauso recebido por essas falas no teatro, a Direita e a Esquerda evoluíram muito. A Esquerda, notadamente, tomou a sua parte de dinheiro, homens e cargos. Ela quis mesmo tomar todos os cargos. Uma opinião subsiste, entretanto, no espírito simplificador da multidão, que opõe os estômagos satisfeitos da direita aos dentes longos da esquerda. E é incerto que a arte da política consiste frequentemente em tapear a fome da Esquerda sem atrapalhar gravemente a digestão da Direita.

Acrescentamos que a oposição das duas classes, quando ela não se transforma em ditadura de uma ou de outra, contribui utilmente ao equilíbrio político. Não é ruim, por exemplo, que uns pensem preferencialmente na autoridade e outros na liberdade. Seria melhor, por outro lado, que estivessem mais ocupados com o bem da comunidade.

O reflexo do espírito de classe colore, portanto, as ideologias de direita e esquerda. A diversidade do seu patriotismo, por exemplo, bem o demonstra. Do lado dos favorecidos, antigos dirigentes, herdeiros, notáveis, há uma sensibilidade ao prestígio nacional e ao pensamento do desastre material contido na derrota. Diante disso, onde abundam na maioria aqueles que não têm nada e não esperam nada da dura e monótona estreiteza da sua condição, a pátria é amada como uma

mãe mais exigente que afetuosa, e a guerra causa horror pelo seu cortejo de torturas morais e físicas.

O problema da instrução nos convida às mesmas observações. Para a direita, seria desejável que ela continuasse como um privilégio capaz de reforçar a vantagem da desigualdade social. A gratuidade é mal vista, como favorecendo uma ascensão muito rápida, correndo o perigo, que não é totalmente negligenciável, de haver uma desqualificação em massa. A postura é de reserva, portanto, de indiferença, facilmente chamados de hostilidade disfarçada. Ao contrário, para a Esquerda, a instrução é objeto de entusiasmo. Ela excita um fervor quase religioso. Ela abre caminho para os paraísos proibidos. Ela atenua a desigualdade das condições, se não conduz a um ideal de igualdade total, ao menos torna menos cruel e menos ofensiva a distância existente entre a miséria e o luxo insolente.

A identificação da classe alta com a pretensão dirigente, pela Direita, e das classes populares com a tendência subversiva, pela Esquerda, tanto entrou na opinião e linguagem políticas que não podemos mais conceber que possa ser de outro modo. Ainda que esse fenômeno tenha a tendência de acontecer em todos os países, em razão do agrupamento de interesses e sentimentos que fincam suas raízes na condição social, ele não aparece em nenhum lugar com tanta clareza como aqui.

A Esquerda também contabiliza vários burgueses, mas que consentem em exigir em favor dos trabalhadores manuais o sacrifício de uma parte das vantagens da ordem burguesa. Que em todos os casos essa postura seja a expressão de uma profunda simpatia e de um completo desinteresse, isso é discutível. Isso não muda nada no contraste aparente que apontamos.

Direita e Esquerda, classes dirigentes e dirigidas, dizia Georges Valois no inquérito aberto há quatro anos por Emmanuel Beau de Loménie.

Isso não é tão impreciso. Para Valois, a Direita é um agrupamento estático, e essa opinião é concordante com aquela que a considera um reduto de resistência e inércia. A Direita tende a fundar a ordem social sobre a concepção autoritária de toda a vida política, social, econômica, intelectual. Ela não admite divergência entre dirigentes e dirigidos, com esses últimos sendo considerados moralmente

inferiores. Não existe paridade entre as duas coisas. É o partido da propriedade adquirida que busca seu crescimento e conservação. Partido do poder absoluto, diz André Siegfried no mesmo inquérito, contraparte do poder popular.

O autor do inquérito tinha tendência a resumir a diferença dos dois partidos na antinomia aristocracia e democracia. Ser de Direita, é admitir que a elite social não é recrutada unicamente, não pode, não deve, a cada geração, por exames, concursos, ou, de modo mais geral, pela escolha de chefes ou pela força do sucesso, com todos os cidadãos ocupando, de forma teórica e suposta, na sua origem, condições iguais. O próprio valor de cada um não basta. Origem, meio, adaptação, educação, garantem a alguns não somente maiores facilidades, mas ainda dons, hábitos tornados em alguma medida instintivos, que nada substitui e que uma sociedade não deve deixar que se percam. O inconveniente dessa opinião seria somente uma tendência a abusar das vantagens de nascença e um espírito de casta muito estreito. Seria preciso acrescentar, ainda segundo E. Beau de Loménie, preocupações pueris com esnobismo e vaidade, somadas a uma desconfiança dissimulada dos valores intelectuais.⁸

Essa concepção da elite é, de fato, completamente aristocrática, mas de um aristocratismo bem limitado. A elite, são os melhores, e não somente os privilegiados. Sem dúvida nenhuma, família, educação, meio, são valores sociais que seria censurável desperdiçar, e que acrescentam seu valor ao valor pessoal. A Direita incorre em erro quando associa sua concepção de elite à fortuna, à tradição burguesa, à posição social. Existem, nos ambientes rurais e operários, ou entre famílias de pequenos artesãos, reservas admiráveis de valores morais e sociais, de onde sai constantemente uma elite necessária à saúde do organismo social.

Não consideramos negligenciável para a cidade a contribuição da elite pertencente às classes abastadas. Ela contribuiu muito para a magnificência externa, o progresso das maneiras, a delicadeza aparente dos costumes. Sua influência é sentida no desenvolvimento geral da cultura. Ela foi, por muito tempo,

⁸ Terminando seu inquérito, E. Beau de Loménie reconheceu que ele não fazia uma ideia exata do sentido profundo que é conveniente conferir às palavras aristocracia e democracia. Não existe, com efeito, democracia sem uma parte de aristocracia, e o poder ideal, segundo uma teoria que é pouco discutida, deve combinar harmoniosamente a autoridade de um único, quer ele seja um monarca ou um líder da república, com os serviços dos melhores e os valores contidos na multidão (LOMÉNIE, 1931).

a guardiã das coisas do espírito. Por outro lado, não esquecemos que a elite operária e rural fornece à comunidade um frêmito renovado de energia e coragem. Os exemplos da história o comprovam. Ela demonstra hoje que o dom de comandar é tão frequente na descendência das classes dirigidas quanto nas dirigentes. Stalin, Dollfuss, Hitler, Mussolini, MacDonald, Masaryk, são a prova disso. Percebemos melhor no mundo moderno, onde as chances se encontram em igualdade.

Acabamos de ver, a Direita não espera nada que não seja do “político”, ao passo que a Esquerda tem seus pensamentos voltados sobretudo para o “social”. Dos dois lados percebemos qual é a falta. Pierre-Henri Simon descreve de modo divertido essa antinomia. “Concretamente, ele diz, o homem de direita não dorme quando sente o déficit no seu orçamento, e o homem de esquerda quando sente que a classe pobre está subalimentada. O primeiro sempre se pergunta: ‘Temos soldados o bastante?’, e o segundo: ‘A sopa dos soldados é boa?’” (SIMON, 1935, sem página no original).

Também não seríamos capazes de admitir o enfraquecimento do senso social e político. Paralelamente, recusamos escolher entre a ordem de polícia e a ordem de justiça. As duas ordens são apenas partes de um todo em que o primado é pertencente à ordem espiritual.

Com o presente oferecendo pouca esperança para a próxima realização do ideal desejado, a Direita se abandona a um pessimismo que ela experimenta com um moroso deleite, os olhares voltados incessantemente para o passado. Todo progresso, todo movimento traz um abalo intolerável, como um terremoto, anunciador do fim de tudo. A Direita poderia dizer aquilo que Taine escreveu a respeito de si mesmo a Paul Bourget: “Minha vida é muito triste. Ela consiste em auscultar as cavernas de um tuberculoso, e esse tuberculoso é o meu país.” (BOURGET, *apud* GARD, 1935, sem página no original). Ela é o partido da imobilidade em face de uma Esquerda que eleva até o frenesi o gosto pelos portes galopantes. A primeira, diria um médico, está com paralisia, a segunda, sofrendo de uma agitação perpétua e ameaçada pelo *delirium tremens*. Quando, por um acaso, a Direita alimenta uma esperança de mudança, é devido mais a um movimento para trás do que para frente.

No entanto, o mundo está gerando um amanhã, previsto e preparado por um esforço limitado somente pela nossa inteligência e mãos. Novos problemas surgem em profusão de um solo sacudido pela guerra e de um mundo que está em revolução latente há dezoito anos. Os excessos do capitalismo, o aviltamento da profissão, a instabilidade das moedas, a desqualificação da burguesia, o nascimento de uma ordem internacional, as experiências ditatoriais, preenchem a vida pública com angústia febril e atividade desordenada. Existem 30 milhões de desempregados cujos braços não ganham mais o pão de cada dia e que sobrevivem apenas de espórtulas. Uma das interrogações mais trágicas feitas aos homens é esta: “A humanidade ainda é capaz de fornecer uma alimentação honrável a todos os seus membros?” Quantos problemas não empalidecem diante desse! Vejam o espaço conferido a ele pela imprensa da Direita. O porvir se levanta para o horizonte, avermelhado, como uma aurora tempestuosa ou um crepúsculo de bom augúrio. A Direita se contenta em rezear e direcionar ao passado um olhar carregado de remorso.

Mas o povo não segue aqueles que apenas olham para trás. Ibsen não estava errado em pensar que “somente tem razão aquele que faz uma aliança com o futuro”. Napoleão bem o constatou. Ele gostava de dizer que “os líderes são vendedores de esperança”.

*

* *

A doutrina de cada partido se apresenta obscura, pois. Não dizemos que a parte do erro seja igual. Não acreditamos nisso. Basta que ninguém possa se vangloriar de possuir a verdade. Acima deles, o sonho da Igreja é fazer brilhar a luz que permite a percepção das zonas de claridade e dos recônditos de obscuridade. Enquanto o ensino tradicional ilumina amplamente as realidades do tempo presente, o Papado, por suas direções, o aproxima e precisa. Ela dirige o feixe luminoso para um ponto particular.

Doravante não andamos mais no escuro. O edifício social agora aparece com seus materiais de qualidade sã e elementos apodrecidos. É visível que a sociedade tem como abrigo não somente locais ensolarados, mas também obscuros refúgios

repletos de umidade viscosa e pestilência. Existe uma tarefa urgente e sempre atual de reforma, para a qual os católicos são os artesãos mais bem qualificados. Seu campo, ao mesmo tempo que a intimidade do lar, é o domínio mais amplo da profissão e das trocas econômicas. Mas a sociedade e o Estado esperam deles também sua reedificação moral e organização política. Nesse domínio, o dever dos católicos não é menos premente. Como sua ação poderá fazer-se sentir de forma útil?

Para decidir, é preciso notar que, unidos por uma doutrina que lhes impõe uma concepção moral da vida em sociedade, idêntica para todos, eles estão autorizados, fazendo a escolha dos meios, a professar opiniões diferentes. Existirá, portanto, na sua ação, uma necessidade de união e uma possibilidade de dispersão.⁹

Inútil repetir que a possibilidade de um partido católico, na França, foi afastada. Não é realizável. Não é mais desejável. As razões foram aqui mesmo expostas. ¹⁰ Destacamos como o Papado havia se mostrado pouco favorável a uma construção política para a França que montaria um espantelho de dominação clerical, e levaria a Igreja até uma passagem repleta de escolhos, e fértil em naufrágios, das responsabilidades temporais. O exemplo do estrangeiro aqui seria sem valor. Ele não alcança o mesmo princípio, com as condições históricas e políticas tendo imposto, enquanto expediente provisório para um mal menor, um meio que permanece em si mesmo deplorável.¹¹

Sendo assim, primeiro aspecto do problema: união ou divisão dos católicos, segundo o campo.

Outro aspecto é aquele oferecido pela consideração da tarefa imediata e da ação de longo alcance. Existe a doença que exige cuidado e o estado crônico a ser tratado. Não basta tratar a epidemia de cólera, ainda que não possamos ignorá-la.

⁹ “É natural que surjam divergências entre aqueles que tendem sinceramente ao bem comum: é dessa situação que nascem os partidos. Mas esses partidos degenerariam em facção se perdessem de vista o bem comum para privilegiar o interesse de certos indivíduos ou de certas classes em detrimento de outros.” (RATTI, s/d, s/p).

¹⁰ Cf. *L'Action catholique et la Politique*, em *La Vie Intellectuelle* de 25 de setembro de 1934.

¹¹ É notável, aliás, que o Partido do Centro Alemão e o Partido Católico na Bélgica tenham sempre negado o rótulo de partidos confessionais abertos apenas a católicos.

Importa ainda, ao mais alto nível, prevenir a invasão através de medidas que sejam interessantes tanto ao organismo político quanto ao temperamento individual.

Entendemos bem a máxima que nos é dada como guia: “*In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas*”. Ela continua preciosa para nos lembrar do dever da união, da liberdade das opiniões diversas, e sobretudo da obrigação de apagar toda divisão pelos raios escaldantes da caridade. Entretanto, seria vão consultá-la para descobrir a melhor solução para cada caso. Muitos consideram indispensável, para o bem da Igreja, o emprego de meios que outros julgam não somente discutíveis, mas funestos. Para a caridade, é infelizmente aquilo que mais falta. É onde se encontra o espinho profundo do nosso mal. O problema não é recorrer à caridade, mas fazê-la nascer. Dizei-me onde ela se encontra na imprensa que, na maior parte do tempo, é a verdadeira educadora do pensamento e ação política dos católicos?

Se estivéssemos justamente esclarecidos quanto ao “necessário” e convencidos da “caridade primeiro”, todas as querelas políticas passariam ao segundo plano da nossa atenção, no lugar de ocupá-la completamente. Em cerca de cinquenta anos, os assuntos que mais nos separam aparecerão com o mesmo interesse que suscitam hoje a oposição entre os cocheiros do circo de Bizâncio ou as batalhas da Fronda. Vistos mais de cima, nossos debates acalorados se assemelharão às disputas daquelas pessoas que se matam para resolver a questão da necessidade de vestir os bombeiros de amarelo ou verde, enquanto a casa pega fogo. Ela está pegando fogo, eis o fato.

Entretanto, se falamos do primado da caridade, escutamos: “atenção!” A caridade também tem seus riscos. É preciso que haja verdade na caridade. Como temos razão! Mas os princípios, onde encontrá-los, de forma correta, para o assunto que abordamos, senão junto da Igreja? Percebeis quantos são aqueles que se preocupam em solicitá-los?

Assim, estou disposto a aderir à opinião de J. Maritain (1933), quando ele vislumbra para a ação a longo alcance, que ele nomeia ação com objetivo distanciado, a constituição de um agrupamento que, a espera do nascimento de novas formações políticas, se posicionaria entre as facções, entre a Direita e a

Esquerda, ou, preferencialmente, acima. Mais do que um partido, seria uma fraternidade política. De inspiração puramente católica, ainda que aberta aos não católicos despertados pelo brilho da luz, ela proporia a elaboração de uma política “autenticamente e vitalmente cristã”, tal como podemos conceber para uma sociedade que se encontra, como a nossa, fragmentada pela diversidade de opiniões e crenças. Irrealizável imediatamente, e mesmo em pouco tempo, é conveniente, apesar disso, que transformemos esse ideal em um exemplo, e que todo empreendimento atual, por mais que o suponhamos incompleto ou imperfeito, marque ao menos um progresso, e jamais um retrocesso, em relação a esse ideal. Mesmo nessa empreitada, eu duvido que a união afigure-se inteiramente possível, pois os meios práticos continuarão sujeitos à discussão. Mas já será maravilhosa, e frutífera, a elaboração do plano de uma cidade logicamente estabelecida sobre a pedra da verdade. Agirá sobre os espíritos para retificá-los. Afigurar-se-á no céu como uma homenagem ao Mestre e Legislador do mundo e como um atestado de boa vontade para a concretização de sua criação.

Não, tanto na ação a longo alcance quanto na ação imediata, não é permitido esperar que todos os católicos sigam o mesmo passo, e no mesmo sentido, mas uma rigorosa fidelidade de todos ao pensamento da Igreja reduziria a distância e facilitaria a ternura das relações. O domínio da concórdia, a respeito das questões em que os interesses morais, sociais e temporais do catolicismo estão em jogo, seria consideravelmente ampliado. Veríamos, ao contrário, reduzir aquele das preferências puramente políticas e econômicas, por exemplo, o das opiniões relativas à forma de governo ou às transformações necessárias ao regime capitalista. Se todos os católicos fossem, como deveriam na sua consciência, unânimes em observar os ensinamentos da Igreja e do Papado contidos nas encíclicas do último meio século, se eles se inclinassem naturalmente a sempre dar prioridade ao espiritual, as divisões se apagariam na magnífica unidade de uma fé ardente e obediente. A união, de fato, continua o objetivo visado, apesar da distância legítima entre as opiniões. Essa distância, entretanto, subsistirá em todos os casos. É preciso tomar partido nas inevitáveis divergências sem esquecer que o

amor ao próximo, lei e marca do cristão, deve extirpar toda virulência e mesmo todo amargor passional¹².

Para a ação imediata, os católicos repartirão sua escolha entre partidos diferentes. Mas quais?

O ideal que é conveniente não perder de vista, ao menos como objetivo distante, seria que os católicos pudessem reservar sua adesão aos programas que garantam o respeito dos princípios, deixando toda facilidade para o trabalho interior do fermento cristão, remédio e vida das sociedades.

Por quais marcas os reconheceríamos?

O programa partidário, acabamos de dizer, seria um dos primeiros elementos consultados. No entanto, a experiência nos mostra que essa fachada frequentemente apresenta uma segurança medíocre. É o espírito que importa mais que o programa. Ele será apreendido somente através da pessoa dos líderes e do exame dos atos do partido.

As marcas consultadas são as circunstâncias que as designam.

Atualmente, acreditamos que toda inquietude seria dissipada se os partidos dessem aos católicos as seguintes garantias:

A princípio, um desejo sincero de conferir à Igreja a liberdade da sua missão espiritual, sem o subterfúgio de utilizar sua influência para fins temporais. Esse desejo não surtiria efeito sem uma deferência profunda para com o Papado e seus ensinamentos.

Em seguida, a vontade de promover uma política, tanto quanto for possível, conforme às regras soberanas do justo e do bom, a preocupação do Bem comum espiritual e temporal da nação, que permanecerão ligados àquele da família humana. Fora dessa sabedoria não existe patriotismo sã, nem autoridade consciente de seu dever, nem liberdade racional, nem esperança de paz, nem possibilidade de relações verdadeiramente humanas entre os homens.

Enfim, o senso social. Ele se liga firmemente a essa concepção da política. O cidadão que dele está imbuído professa o respeito aos direitos de pessoa e a

¹² Ler em *Messenger du Sacré-Cœur*, de fevereiro de 1936, uma explicação dessa questão feita por Mons. de Solages, que abordou muitas vezes esse assunto.

inteligência dos interesses da comunidade. Ele considera o homem antes do lucro. Ele confere ao dinheiro seu lugar de meio e o impede de assumir um poder egoísta e corrupto.

Acabamos de nos colocar hipoteticamente onde o ideal seria realizado. Na falta de partidos que representem esse ideal, a escolha será feita em favor daqueles que dele menos se distanciem ou que deixem mais espaço para uma feliz transformação. Entre as tendências que evidenciam a legítima liberdade de opinião, sempre existirão aquelas que, claramente distintas e mesmo contrárias, tenderão mais para a Direita ou Esquerda. Somente o acordo a respeito das garantias que apresentamos seria capaz de atenuar singularmente as notas discordantes em uma única dominante. Apesar disso, a diversidade subsistiria. Repetimos que a consideramos desejável. Ela afasta da Igreja a suspeita de sujeição e cumplicidade. Assim, ela cria uma imantação favorável ao agrupamento em direção ao centro dos elementos dispersados pela turbulência dos extremos. O peso de suas obrigações atrairia os partidos para mais próximo do nosso ideal. Entre os grupos inscritos na Câmara, existem vários em que os católicos podem se sentir suficientemente à vontade. De resto, o grupo dos independentes de direita e esquerda está sempre lá para acolher aqueles que não encontrarem um lugar confortável nos partidos existentes.

Em um regime de opinião organizado como o nosso, com o cidadão católico tendo o dever de tomar parte na vida política, há uma dificuldade em conceber para ele uma ação completamente livre da dominação dos partidos. Não como os independentes da Câmara que são, apesar de sua denominação, os eleitos de um ou de vários entre eles. Podemos desejar outro mecanismo de vida política e tentar mudar o rumo desse que possuímos, mas mesmo isso exige a utilização dos partidos. O problema da ação política dos cidadãos católicos é, portanto, aquele do esforço no seio dos partidos em vias de endireitar a atividade e dirigi-la à elaboração de um terreno de concórdia para uma maioria de cidadãos.

Por outro lado, o espírito que os anima não permite que sejam semelhantes aos outros membros do partido. Eles diferem, a princípio, frequentemente pela sua

doutrina, que os obriga a considerar a regra moral antes do efeito político. Eles devem diferir, sobretudo, pela vontade de renunciar ao espírito partidário.¹³

Sem dúvida, é esperar muito da sabedoria humana. Não poderíamos requisitá-la aos cristãos? Somente eles são capazes de temperar a paixão política cujo ardor excessivo incendeia nossa vida pública. O espírito partidário leva o debate a uma temperatura de guerra civil e abre feridas que não se curam. Os excessos de linguagem, as injustiças, as difamações, em que explode o espírito partidário, nada acrescentam às chances de vitória da verdade.

A Direita, que contabiliza a maioria dos defensores da Igreja, deveria fazer uma reflexão acerca desse ponto. Ela não alimenta a menor inclinação para a violência verbal como a Esquerda. Poderíamos quase dizer “pelo contrário”, a julgar pelo tom dos jornais em que exprime sua complacência.

*

* *

Nossa crítica objetivou somente mostrar aos católicos que eles incorreriam em erro ao ver na Direita um refúgio completamente seguro. A sua regra é sempre ser desse mundo como não sendo, guardando suficientemente o domínio de si para lograr a mudança dos partidos no lugar de serem mudados por eles.

A Direita seria isenta de defeitos e adornada com todas as virtudes, em face de uma Esquerda que seria o antro de todos os desregramentos e vícios; importaria mais ao catolicismo salvar sua independência e manter sua liberdade de ação. “Deus não ama nada como a liberdade da sua Igreja”. Essa fala de Santo Anselmo deveria frequentar os cristãos. Quanto mais a Esquerda tem necessidade do catolicismo, mais é importante que ele seja livre do lado da Direita.

Mas esta também não poderia passar sem uma vigilância doutrinal. O que aconteceria se a Igreja se afigurasse prisioneira desse partido? Como ela evitaria ser julgada a cliente, acorrentada pelos vínculos de reconhecimento ou de necessidade material?

¹³ “Conjuramos todos os homens inteligentes e honestos a banir das discussões econômicas e políticas todo espírito de violência e opressão. É uma lição da experiência, que a violência atrai violência e que esses conflitos enfraquecem o prestígio da lei e da autoridade, guardiã da ordem, ao mesmo tempo que elas preparam guerras contra irmãos e filhos do mesmo país.” (RATTI, s/d, s/p).

Nesse caso, o inconveniente se agrava pelo fato de a Direita se apresentar como a fortaleza do dinheiro. A “cidade dos pobres onde os ricos, enquanto ricos, apenas sofrem por tolerância” – Bossuet designa assim a Igreja – aparentaria se transformar em um baluarte de poderosos. Do lado de fora, quebraria a onda da miséria, a multidão em sofrimento, com seus defensores ou exploradores. Tal espetáculo seria tão inconcebível que é um dever evitá-lo mesmo na mais fraca aparência.

Para sua tarefa missionária, a Igreja tem necessidade de sua inteira liberdade com relação aos partidos e classes.

Mas ela também possui uma missão civilizadora cuja urgência aparece novamente nos dias de hoje. Seria impossível cumpri-la sob o jugo de poderes temporais que ameaçam o progresso espiritual.

Uma substância, disse recentemente P. Sertillanges, é mais bem reconhecida quando isolada. Os conluíus do Império constantiniano, o equilíbrio combativo e instável do Sacerdócio e do Império, a aparência de mistura política constituída pelo poder temporal. Tudo isso pereceu. A Igreja é pura. Podemos ver o que ela é. E o que ela é senão o poder mais bem preparado para promover do alto, sem intrusão indiscreta, mas de um modo ainda mais eficaz, todo o trabalho civilizatório?¹⁴

De fato, um progresso lento, que se desenvolve através do tempo de modo contínuo, parece libertar a Igreja de toda servidão temporal e garantir a ela, tanto quanto a condição humana permite esperar, a plena liberdade da sua missão. Os déspotas que acreditam despojá-la apenas despojam-na de seus entraves. O Tratado de Latrão foi o fato último, o mais característico e o mais retumbante dessa liberação. O Papado deixou cair a coroa de Roma, doravante julgada sem valor. Ele nem é mais cativo do seu reino temporal.

Na presença de eventos dessa grandeza, ainda é necessário falar de Direita e Esquerda?

Foi preciso se resolver, uma vez que todos os olhos ainda não estão abertos, mesmo entre os católicos.

¹⁴ *La Vie Intellectuelle*, 25 dez. 1935, p. 365.

Uma estranha perversão se instalou em certos espíritos. Diríamos que eles confundem a Direita e a Esquerda políticas com a Direita e a Esquerda do Pai no terrível dia do Julgamento. Assim, aqueles que forem de direita aqui em baixo avançariam em um passo deliberado rumo à direita do Pai, ao passo que os seguidores da Esquerda, imersos em confusão, não teriam outro recurso a não ser se precipitar entre os malditos.

Mas muitos que se acreditam dentro estão fora, e muitos que aparentam estar fora estão dentro.

Não antecipemos a divisão entre bons e maus.

REFERÊNCIAS

GARD, Maurice Martin du. **Nouvelles littéraires**, Paris, 28 dez. 1935.

LEÃO XIII. Lettera enciclica Cum multa sint. Libreria Editrice Vaticana: Vaticano, 1882. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/it/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_08121882_cum-multa.html.

LEÃO XIII. Lettre encyclique Sapientiae christianae. Sur les principaux devoirs des chrétiens. Vaticano : Libreria Editrice Vaticana, 1890. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/fr/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_10011890_sapientiae-christianae.html.

LOMÉNIE, Emanuel Beau de. **Qu'appellez-vous Droite et Gauche?** Paris : Librairie du Dauphin, 1931.

MARITAIN, Jacques. **Lettre sur l'indépendance et Du régime temporel et de la liberté**. Paris: Desclée de Brouwer, 1933.

PIO XI. Alloc. Amplissimus Consessum. Allocuzione di sua Santità Pio XI durante il concistorio segreto sulla situazione della chiesa nel mondo. 1924. Disponível em : http://www.vatican.va/content/pius-xi/it/speeches/documents/hf_p-xi_spe_19240524_amplissimum-consessum.html.

RATTI, Cardeal Ambrogio Daminano Achille. **Lettre aux fidèles de Lombardie**. s/local, s/d.

RIGAUX, Marcel. **En face du problème social**. Est-il vrai que l'Église s'en désintéresse? Paris: Éditions Spes, 1935.

SIMON, Pierre-Henri. **Destins de la personne**. Paris: Éditions Bloud et Gay, 1935.

THIBAUDET, Albert. **Les idées politiques de la France**. Paris: Éditions Stock, 1932.